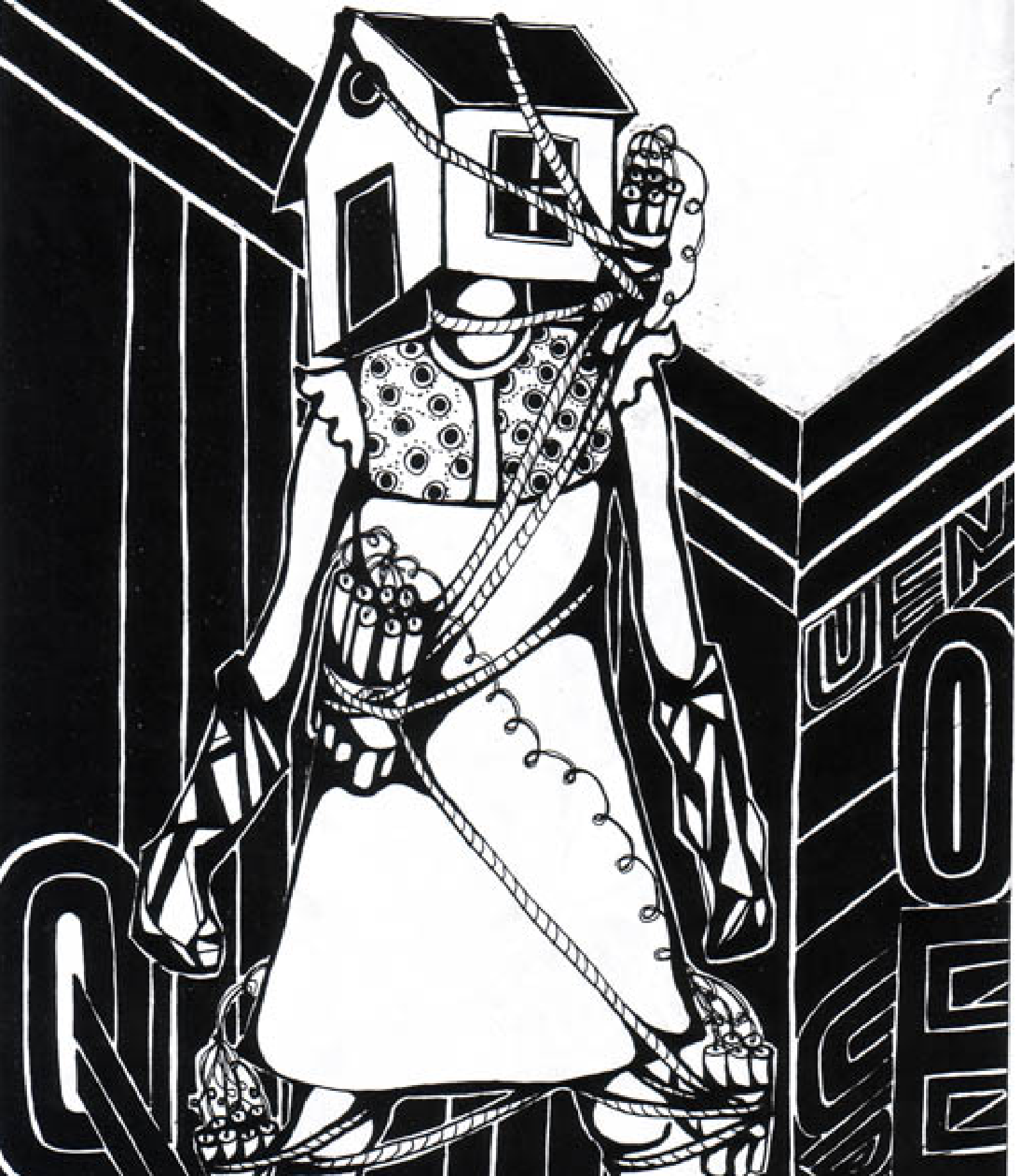


MICROMACHISMOS:

A Violência Invisível



Escrito por Luis Bonino Mendéz em 1998.

Traduzido do espanhol por Jaia em 2016.

COPIA, TRANSFORMA Y DIFUNDE!

:~#fcopyright

Para todas as manas que estão buscando empoderamento na luta contra o machismo, contra a cultura de estupro, sabotando o capitalismo, lutando todo dia contra o sistema patriarcal, contra as igrejas e seus rosários em nossos ovários, a indústria farmacêutica envenenando nossos corpos, a violência de gênero e todas as lutas que buscam a emancipação dos seres. Lembro e sinto de cada acontecimento com meus pares. Compartilhar com mulheres têm sido incrível. Pela reconexão com a terra, e olhar de tigresa contra as opressões. Liberta teu espírito selvagem! Podem haver alguns erros durante a tradução que foi feita de forma integral (não houve modificações partindo da opinião de quem escreve). Pode se tornar difícil a identificação com alguns exemplos, porque o autor tomou como base o "casal heteronormativo com filhxs", talvez um pouco fora da realidade de algumas/ns. Mas esses padrões podem ser observados em diversas formas de relação, seja ela sexoafetiva ou não. Toda informação que está escrita pode ser modificada, reescrita, apagada e reproduzida mas principalmente COMPARTILHADA! Mostra pras companheiras: pra mãe, tia, vizinha, amiga, avó... E é de extrema importância, caso haja oportunidade, de mostrar para o pai, irmão, companheiro, para que se difunda.

Alguma dúvida, sugestão, desabafa manda pra
>> panc@riseup.net <<

Jaia
Inverno/2016

INTRODUÇÃO

Mulheres maltratadas, homens violentos, dois dramáticos aspectos das assimétricas relações de gênero. Em todo o mundo, a violência (masculina) para com as mulheres se torna evidente e se deslegitima de forma crescente. Cada vez mais, os dispositivos jurídicos e sanitários exercem ações sobre as pessoas envolvidas, e o campo da saúde mental também está se mobilizando.

Entretanto, a deslegitimação e as abordagens legais e terapêuticas se realizam quase exclusivamente sobre as formas evidentes, máximas e trágicas da dita violências e seus efeitos. Mas, se pensamos que a violência de gênero é toda ação que coage, limita ou restringe a liberdade e dignidade das mulheres, podemos comprovar que ficam ignoradas múltiplas práticas de violência e dominação masculina no cotidiano, algumas consideradas normais, algumas invisibilizadas e outras legitimadas e são executadas impunemente.

Desconhecedoras delas, muitas mulheres, profissionais da saúde, familiares e os homens (que muitas delas não são conscientes) não as percebem, ou as fazem sem criticar, o que contribui para perpetuação dessas ações.

O propósito nessas linhas é colocar em evidência essas práticas, as quais alguns autores chamam de pequenas tiranias, terrorismo íntimo, violência "macia" e eu, desde 1991, denomino de micromachismos (mM). Para isso, tratarei de descrevê-las e visibilizá-las, tomando neste caso o âmbito de relação entre casais. Tomarei como base descritiva o casal heterossexual de convivência com filhas/os, o que não significa que nas outras formas de casais e relações estas praticas não existam.

"Creio que é importante apontar e questionar esses mecanismos como parte da tarefa de fazer uma análise crítica das violências da vida cotidiana. Se pensamos desde uma ótica de igualdade entre os gêneros, visibilizar os mesmos é o primeiro passo para tentar sua neutralização e posterior desativação nas relações entre mulheres e homens, para contribuir para modificar os jogos de domínio e permitir o desenrolar das relações mais cooperativas, honestas e igualitárias em direitos e obrigações." (Miller, 1996)

PODER E GÊNERO

Nos introduzir na visão destas práticas se supõe ter claro previamente que nas relações mulheres e homens não se jogam só com diferenças, e sim sobretudo com desigualdades, de situações de poder e estratégias no seu exercício. Por isso, antes de abordar os micromachismos e para entender mais sua execução, vou apontar algumas ideias que fazem a compreensão do tema de poder entre os gêneros, e que estão sustentadas em pensamentos de Foucault e os estudos feministas aplicados nas famílias e casais.

O poder não é uma categoria abstrata; o poder é algo que se exerce, que se visualiza nas interações sociais (onde seus integrantes o desenvolvem). Esse exercício tem efeito duplo; opressivo, mas também configurador, tanto que provoca recortes da realidade que definem existências (espaços, subjetividades, modos de relações, etc).

A palavra "poder" tem dois significados popularmente utilizados; uma é a capacidade de fazer, o poder pessoal de existir, decidir e autoafirmar-se. Esse é o poder autoafirmativo. Esse poder requer para seu exercício uma legitimidade social que o autoriza acontecer. O outro significado; A capacidade e a possibilidade de controle e domínio sobre a vida ou os feitos de outra pessoa, basicamente para gerar obediência e o que se consegue com ela. É o poder de domínio. Requer a posse de recursos (bens, poderes ou afeições) que aquela pessoa da qual se queira controlar não tenha e os valore, e dê meios para sancionar e premiá-la. Neste segundo tipo de poder, que é de quem exerce a autoridade, se utiliza esses recursos para obrigar as interações não recíprocas, e o controle se pode exercer sobre qualquer aspecto da autonomia da pessoa a que se busca subordinar (seja pensamento, sexualidade, economia, capacidade decisória, etc).

A desigual distribuição do exercício de poder de domínio conduz a assimetria dos relacionamentos. A posição do gênero (feminino ou masculino) é um dos eixos cruciais por onde discorrem as desigualdades de poder, e a família/casal, um dos âmbitos em que se manifesta. Isso é assim porque nossa cultura patriarcal tem legitimado o ato das pessoas a crer que o masculino é o único gênero com direito ao poder autoafirmativo: ser homem supõe ter direito a ser indivíduo pleno com todos os seus direitos (e direito a exercer os mesmos).

A cultura androcêntrica nega esse direito as mulheres. Assim os homens ficam em um lugar superior, e por acreditarem serem superiores, é que sentem que tem direito de tomar decisões ou a expressar exigências que as mulheres devem se sentir obrigadas. Quer dizer, exercer poder de controle e domínio sobre elas que ficam em lugar de subordinadas. A equação "proteção em troca de obediência", chave do contrato de casal tradicional reflete um importante aspecto dessa situação e demonstra a concepção do domínio masculino no casal. A isso se pode agregar a crença de que o espaço doméstico e o cuidado das pessoas é patrimônio feminino, assim reservando ao homem o espaço público ao qual se define como superior. Esse poder de domínio masculino, enraizado como ideia e como pratica em nossa cultura se mantém e se perpetua, entre outras razões:

>> Pela divisão sexual do trabalho, que ainda a coloca a mulher no espaço doméstico.

>> Pela sua naturalização e sua inscrição automática nas mentes de mulheres e homens.

>> Pela falta de recursos das mulheres e a deslegitimação social de seu direito a exercer o poder autoafirmativo.

>> Ao uso pelos homens do poder de macrodefinição da realidade e o poder de microdefinição, que é a capacidade e habilidade de orientar o tipo e o conteúdo das interações cotidianas em prol dos próprios interesses, crenças e percepções. Poder chamado também de pontuação que se sustenta a ideia do homem como autoridade que define o que é correto (Saltzman, 1989).

>> Pela exploração das capacidades femininas de cuidado e de ajudar a crescer os seres humanos (o chamado poder do amor - Jonnasdotir, 1993) do qual na nossa cultura as mulheres se fazem pioneiras.

Vale dizer também que todas as mulheres em seu modo de ser natural também exercem poder, sobre todos os chamados "poderes ocultos": o poder dos afetos e o cuidado erótico e maternal? Mas são esses reais poderes de domínio? Não, simplesmente pseudopoderes: esforços de influência sobre o poder masculino e poder gerencial sobre o alegado pela cultura patriarcal que a impõe a reclusão no mundo privado.

O paradoxo é que nesse mundo se alça a mulher a um altar enganoso é dado um título de rainha, título contraditório já que não pode exercê-lo no característico do domínio e da autoridade (a capacidade de decidir pelos bens, pessoas e sobre eles) ficando só com a possibilidade de administração do alheio.

Esse tipo de pseudopoder é característico dos grupos subordinados, centrados em "dar suporte" a seus superiores. Como neles, a maioria das mulheres são mais sensíveis a ler as necessidades e em satisfazer os requerimentos do homem, logrando serem valorizadas por sua eficiência e exigindo algumas vantagens em troca. Suas necessidades e reclamos não podem ser expressadas diretamente, e por isso se fazem por vias "ocultas", basicamente são as queixas e reprovações (as que os homens se fazem imunes rapidamente). E claro que as mulheres também tem poder, mas essa é ainda uma história recente e minoritária.

As situações de poder e desigualdade geralmente são invisibilizadas nas relações de casal, levando a crença de que nelas se desenvolvem práticas reciprocamente igualitárias e ocultando a mediação social que dá aos homens, pelo fato de serem homens, um plus de poder que carecem as mulheres.

Se bem que nem todas as pessoas se identificam do mesmo modo que a sua posição de gênero (existem mulheres e homens dominantes, submetidas ou igualitárias), e ainda que o discurso da superioridade masculina está nas entrelinhas em quase todo o ocidente, o poder do modelo tradicional da "superioridade" masculina como configuradora de hábitos e comportamentos masculinos segue sendo enorme. Os mM são um desses comportamentos, quem sabe os mais frequentes com que os homens expressam e defendem sua suposta superioridade e seu direito a exercer domínio sobre as mulheres.

A pesar das mudanças das crenças ancestrais, ainda são tapadas as injustiças, são aplaudidas as condutas masculinas e censuram a mulher que assume outras competências. Por isso a tarefa a se realizar em prol da igualdade é ainda de grande importância. Nessas linhas escolho uma tarefa das muitas possíveis: colocar em evidência aos homens, dizer que seu poder de domínio é ativo no cotidiano. Os homens seguem exercendo domínio e é importante conhecer seus modos para contribuir para a transformação das relações.

OS MICROMACHISMOS

Como expressei anteriormente, os mM são práticas de dominação e violência masculina na vida cotidiana, de uma maneira “micro”, ao dizer isso, Foucault, diz sobre internalidade, quase imperceptível, o que esta nos limites da evidência. O prefixo, “micro” do neologismo com o que nomeio a estas práticas alude a isso.

Decidi também incluir “machismo”, no termo difundido, porque apesar de ser uma palavra de significado ambíguo (que designa tanto a ideologia da dominação masculina como os comportamentos exagerados da dita posição), alude na linguagem popular, a uma conotação negativa dos comportamentos de inferiorização para com a mulher, que era o que queria destacar no termo.

Os Mm compreendem um amplo leque de manobras interpessoais que impregnam os comportamentos masculinos no cotidiano. No casal, que será o âmbito que irei tratar, se manifestam como formas de pressão de baixa intensidade mais ou menos sutil, com as que os homens tentam, em todos ou em alguns âmbitos da relação (e como em todas as violências de gênero):

>> Impor e manter o domínio e sua suposta superioridade sobre a mulher, objeto de manobra;

>> Reafirmar ou recuperar dito domínio diante da mulher que se rebela de “seu” lugar dentro do vínculo no relacionamento..

>> Resistir ao aumento de poder pessoal ou interpessoal da mulher que se vincula, ou se aproveitar de ditos poderes

>> Se aproveitar do “trabalho de cuidadora” da mulher.

Quer dizer que os mM são microabusos e microviolências que procuram que o homem tenha sua própria posição de gênero criando uma rede que sutilmente atrapa a mulher, atentando contra sua autonomia pessoal se ela não a descobre (as vezes podem passar anos sem perceber), e sabe contramanobrar eficazmente. São a base e são o adubo de cultivo das demais formas de violência de gênero (maltrato psicológico, emocional, físico, sexual e econômico) e são as “armas” masculinas mais utilizadas com as que tentam impor sem consentir o próprio ponto de vista ou razão.

Começam a utilizar desde o começo da relação e vão moldando lentamente a possível liberdade feminina. Seu

objetivo é anular a mulher como ser, forçando a ela uma maior disponibilidade e impondo uma identidade “a serviço do homem”, com modos que se distanciam muito da violência tradicional, mas que tem em alta seus mesmos objetivos e efeitos: perpetuar a distribuição injusta para as mulheres dos direitos e oportunidades.

Os homens são espertos nessas manobras por causa de sua socialização de gênero que os incita a crença na superioridade e disponibilidade sobre a mulher.

Eles tem, para usar validamente, um aliado poderoso: a ordem social, que presenteia ao homem, apenas por ser homem, o “monopólio da razão” e, derivado disso, um poder moral pelo qual se cria um contexto inquisitório em que a mulher está em princípio em falta ou como acusada: “exageradas” e “tu está louca” são duas expressões que refletem claramente essa situação (Serra, 1993). Ainda os homens mais bem intencionados e com a autopercepção por ser pouco dominantes os realizam, porque estão fortemente inscritos em seu programa de hábitos de atuação com as mulheres.

Alguns mM são conscientes e outros se realizam com a “inocência” do hábito inconsciente. Com eles os homens não só tentam se instalar em uma situação favorável de poder, se não que também internamente buscam a reafirmação de sua identidade masculina - sustentada fortemente na crença de superioridade e a necessidade de controle - e satisfazer desejos de domínio e de ser objeto de atenção exclusivo da mulher. Ademais, manter baixo o domínio da mulher permite também manter controlados diversos sentimentos que a mulher provoca, tais como temor, inveja agressão e dependência. (Bonino, 1990). Dois mecanismos psicológicos favorecem que essas práticas sejam sustentadas assim como outras que conduzem ao racismo, à xenofobia ou à homofobia: um, a objetificação (a crença que só alguns homens - brancos e heterossexuais tem status de pessoa permite perceber, nesse caso, as mulheres como “menos” pessoa, negando a elas o reconhecimento e justificando o próprio acionar abusivo - Britann 1989) e outro a identificação projetiva (a cegueira psicológica das atitudes, invadindo o espaço mental alheio).

Se bem que esses aspectos não serão visados nesse trabalho, mas não se pode ignorar na hora de trabalhar na desativação dessas manobras. Pontualmente, os mM podem não parecer muito incômodos, inclusive podem

resultar normais ou intranscendentes nas interações, mas seu poder, devastador as vezes, se exerce pela reiteração através do tempo, e se pode detectar pela acumulação de poderes dos homens e da família ao longo dos anos. Um poder importante nesse sentido é o de criar e dispor de tempo livre ao custo de sobre utilização do tempo das mulheres. Por isso, se produz, sobre tudo nas relações de longa duração, diversos efeitos de mal estar psicofísico que frequentemente são motivo de consulta aos dispositivos de saúde, e que ao invisibilizar sua produção intersubjetiva geralmente se atribui a "certas" características femininas. Mais adiante vamos nos referir a esses efeitos. Sua execução brinda "vantagens", algumas a curto e outras a longo prazo para os homens, mas exercem efeitos que causam danos nas mulheres, nas relações familiares e neles mesmos, estando atrapados em modos de relação que convertem a mulher em adversária, impedem o vínculo com uma companheira e não asseguram o afeto (já que o domínio e o controle bem sucedido só garantem obediência e geram ressentimentos).

Antes de seguir adiante, e tendo em conta que quem escreve essas linhas é um homem, queria parar um pouco para realizar uma reflexão: Para as mulheres, pensar nessas questões e reconhecer essas práticas que estão enraizadas aos modos em que os homens as colocam em lugares de subordinadas, pode ser fácil, iluminador e enriquecedor. No entanto para homens, isso implica colocar na mesa as vantagens masculinas em relação com as mulheres e obrigam por isso ao seguinte dilema ético de como se posicionar frente a essa injusta situação. Seria mais fácil falar de violência e dominações dos "outros" homens, os que realizam as violências muito visíveis, mas falar de mM, que são parte habitual de (nosso) comportamento masculino é mais difícil pois ele supõe mostrar as manhas masculinas e, se arriscar a ser tomado pelo "clube dos homens" como um "traidor" que critica e mostra as "armas secretas" que usamos habitualmente com as mulheres.

Difícil mais ainda porque supõe questionar nossa identidade, fortemente associada a crença de ter poder sobre as mulheres. Mas se um se posiciona contra a violência de gênero e a favor da igualdade deve aceitar a dificuldade e enfrentar o desafio de realizar uma autocritica da própria posição e práticas de domínio, não só apoiar as mulheres desde um

paternalismo que se coloca por fora do problema real, nem trabalhar só para transformar aos outros homens como se estivesse ausente dos hábitos patriarcais.

Agora sim podemos seguir com os mM. Como dizia anteriormente, os homens infiltram essas manobras na vida cotidiana. Os mM são inumeráveis, as vezes são considerados comportamentos normais e se realizam em combinações complexas. Entretanto, uma vez alertados sobre sua existência e atentos aos comportamentos masculinos se pode ir descobrindo diferentes grupos de mM com características particulares que podem ser descritas e evidenciadas com maior precisão. Isso tem sido um dos meus interesses nesses últimos anos. Assim, desde a prática clínica, a observação da vida cotidiana com a lente da igualdade de gênero, e a bibliografia tem ido construindo uma classificação de três categorias para permitir aprender melhor. E essas categorias são: os micromachismos coercivos (ou diretos), os encobertos (de controle oculto ou indireto) e os de crise. Cada uma delas compreende um repertório de manobras, as que tem designado e definido, na tentativa sempre difícil de sua visibilidade. Talvez essas descrições animem a leitora de ir descobrindo outras. Das quais impensadamente (ou não) é sujeito ou objeto. Vamos agora sim, descobrir os mM.

MICROMACHISMOS COERCIVOS

Nesses mM, o homem usa a força (moral, psíquica, econômica ou da própria personalidade), para tentar curvar a mulher, limitar sua liberdade, roubar e manipular o pensamento, o tempo ou o espaço, e restringir sua capacidade de decisão. Fazem elas sentirem que não tem razão de sua parte e exercem sua ação porque provocam um sentimento de derrota quando comprova a perda, ineficácia ou falta de força e capacidade para defender as próprias razões ou decisões. Tudo isso resulta promover inibição, desconfiança em si mesma e diminuição da autoestima, o que gera mais desigualdade de poder.

Na seguinte enumeração, como nas outras categorias que realizarei mais adiante, procurarei nomear, numa ordem desordenada, alguns dos mM e suas características que eu pude comprovar com mais frequência.

INTIMIDAÇÃO

Esse é um mM que está no limite entre a violência psicológica e os mM propriamente ditos. Manobra assustadora que exerce quando o homem já tem fama (real ou fantasia) de abusivo ou agressivo. Da indícios de que se não o obedece, "algo" poderá acontecer. Implica uma arte que o olhar, o tom de voz, a postura e qualquer outro indicador verbal ou gestual podem servir para assustar. Para se fazer acreditar, é necessário, a cada tanto, exercer alguma amostra de poder abusivo físico, sexual, ou econômico, para a mulher recordar que isso pode acontecer com ela caso não se submeta. A longo prazo se cria geralmente uma situação na qual que o homem consegue não ser incomodado naquilo que ele não gosta e não estar disponível para ninguém, apenas para si mesmo.

CONTROLE DE DINHEIRO

Grande quantidade de manobras são utilizadas pelo homem para monopolizar o uso das decisões sobre o dinheiro, limitando seu acesso a mulher. Baseando esse mM em acreditar que o dinheiro é patrimônio masculino, seus modos de apresentação são variados: a não informação sobre o uso do dinheiro comum, controle de

gastos e exigência de detalhes, retenção - o que obriga a mulher a pedir- (Coria, 1992), etc.

Se inclui também nesse parágrafo a negociação do valor econômico que se supõe o trabalho doméstico, a criança e seus cuidados.

AUSÊNCIA NO QUE É DOMÉSTICO

Baseada na crença que o doméstico é feminino e o público masculino, por este grupo de manobra se impõe a mulher a se fazer cargo do cuidado de algo comum: a casa ("lar") e as pessoas que nela habitam. É uma prática de sobrecarga por omissão, que o homem justifica apelando a seu papel de "provedor" ao que não se pode oprimir mais que o que suporta no seu trabalho (é paradoxal que essa justificação a realizam alguns homens que não são os principais provedores do econômico, com os que impõem a "dupla jornada" na mulher que trabalha).

USO EXPANSIVO-ABUSIVO DO ESPAÇO FÍSICO E DO TEMPO PARA SI

Esse grupo de mM se apoia na ideia que o espaço e o tempo são posses masculinas, e que por tanto a mulher tem pouco direito a estes. Por tanto sua apreensão é natural e não se pensa na negociação de espaços e nem de tarefas comuns que levam tempo. Assim, enquanto o espaço no âmbito caseiro, o homem invade com sua roupa toda a casa, utiliza o sofá para seus 15min pós almoço impedindo o uso desse espaço comum, monopoliza a televisão ou ocupa com as pernas todo o espaço inferior da mesa quando se senta ao redor dela, entre outras manobras (Guillaumin, 1992). E sobre o tempo: o homem cria um tempo de descanso ou diversão ao custo da sobrecarga de trabalho da mulher (por exemplo utilizar o fim de semana para "seus" passatempos, ou adiar sua chegada em casa logo depois do trabalho), evita doar tempo aos outros, ou define como "inelutável" certas atividades, que na realidade não são, e que o afastam do lar. Como dizia previamente, isso tem como efeito o resultado que os homens tenham mais tempo livre que as mulheres (a custo delas).

INSISTÊNCIA ABUSIVA

Conhecido popularmente como “ganhar por cansaço”, esse mM consiste em obter o que se quer pela insistência inesgotável, com exaustão da mulher que se cansa de manter sua própria opinião, e no final aceita o imposto em troca de um pouco de paz.

IMPOSIÇÃO DE INTIMIDADE

Esse mM consiste em uma ação unidirecional de aproximação quando o homem deseja, é coercivo enquanto o homem não se incomoda em negociar movimentos para chegar a intimidade. Muito típico o exemplo a sedução forçada quando quer sexo.

APELAÇÃO A “SUPERIORIDADE” DA “LÓGICA” VIRIL

Nesse grupo se recorre a “razão” (viril) para impor ideias, condutas ou julgamentos desfavoráveis as da mulher. Utilizada por homens que supõem que tem a “única” razão ou que a sua é a melhor. Não tem em conta os sentimentos nem as alternativas e supõem que ao expor seu argumento lhes dá o direito de sair de cena. Não cessa de utilizar desses métodos até que a mulher dê lógicas razões (as que ele mesmo argumentou, lógico), e obrigam a que ela tenha muito claro na cabeça a posição dela caso não queira se submeter a manipulação. Provoca intenso erro. Exemplo frequente onde esse mM se manifesta é no momento de decidir

escolher o lugar de ida nas férias, se caso a mulher não gosta do lugar elegido pelo homem da relação. É muito eficaz com mulheres que são muito perceptivas ou intuitivas de abordagem e realidade. Uma manobra especial nesse grupo é a monopolização da definição do que é a “seriedade” ou não, sobre temas em discussão por parte do homem; “eu não falo sobre essas besteiras!” é uma frase que pode sintetizar o significado.

USA OS ABANDONOS REPENTINOS PARA CONTROLAR A SITUAÇÃO

Essas são as manobras menos surpreendentes; de decidir sem consultar, anular ou não ter em conta as decisões da mulher, baseando-se na crença de que o

homem é o único que tem o poder de decisão. Um exemplo é a monopolização da troca de canais com o controle remoto. O curto-circuito é a especial de manobra desse grupo: consiste em tomar decisões sem contar com a mulher em situações que as envolvem. E nas que são difíceis em negar e contrapor, por exemplo: convites de ultimo momento de pessoas importantes: chefes, parentes, etc. (Piaget, 1993)

MICROMACHISMOS OCULTOS

Esses mM são os que atacam de modo mais eficaz contra a simetria relacional e a autonomia feminina, pela sua índole insidiosa (aos poucos) e sutil que os tornam especialmente invisíveis e muito difícil enxergar sua intenção. Nesses, o homem esconde (e as vezes se esconde) seu objetivo de domínio que força a disponibilidade da mulher. Em algumas dessas manobras esses objetivos são tão ocultos e seu exercício é tão sutil que passam especialmente despercebidas, e essa é razão de serem tão efetivas. Não utilizam a força como nos micromachismos coercivos, mas sim a afeição e a indução de atitudes que diminuem o pensamento e a ação eficaz da mulher, o que a leva fazer o que não quer e que a conduz na direção elegida pelo homem. Aproveitam sua confiança efetiva e provocam nela sentimentos de improdutividade ou impotência, acompanhadas de confusão, culpa, dúvidas de si, (quando não acontece coerção evidente) que favorecem a decaída da autoestima e autocrédibilidade. Por não serem evidentes, não se percebem no momento, mas se sente seus efeitos coercitivos, pelo o que conduzem habitualmente a uma reação tardia (e "exagerada" dizem os homens) por parte da mulher, com mal humor, frieza e estouro de raiva "sem motivo". Muitos deles são considerados comportamentos masculinos "normais" e são muito efetivos para que o homem acrescente seu poder de levar adiante "suas" razões e desejos, e são especialmente devastadores com as mulheres muito dependentes da aprovação masculina. No geral se utilizam sutilmente e completa mistura. Deles eu pude detectar ate agora os seguintes grupos que assinalei aos fins descritivos, mas em geral se executam em uma completa e astuta mescla:

ABUSO DA CAPACIDADE FEMININA DE CUIDADO

Neste grupo de mM provavelmente mais assegurado e silenciado pela cultura. Por eles o homem utiliza e explora a capacidade das mulheres de cuidado com as pessoas. Essa capacidade está muito desenvolvida nelas por causa de sua socialização que as impele a "ser para os outros". Confortadas pela cultura patriarcal, essas manobras forçam a disponibilidade incondicional através da imposição de diferentes papeis de serviço: mãe, esposa, assistente, secretaria, gestora, etc.

As obrigam a um sobre-esforço físico e emocional que resulta aos homens uma sobra de autonomia vital para si. Com isso eles aproveitam abusivamente dos benefícios de cuidado feminino já que a imposição de disponibilidade feminina para com o homem, acrescenta a qualidade de vida que ele suga da mulher, sem que habitualmente os reconheça. No entanto, as estatísticas comprovam que os homens incrementam e melhoram sua saúde psicofísica durante o matrimônio, e as mulheres pioram. E eles dispõem de mais tempo de ócio. Algumas mulheres conhecedoras desse grupo chamam de "vampirismo", quer dizer um comportamento de extração e roubo de energia vital que o homem aproveita para si.

Entre esses mM temos:

>> Maternalização da mulher. A indução de que a mulher seja uma mãe tradicional: cuidadosa e compreensiva, é uma prática que está impregnada no comportamento masculino. Das múltiplas caras desta manobra algumas são: pedir, alimentar ou criar condições para que a mulher priorize suas condutas de cuidado incondicional (sobre tudo para com o homem) promovendo que ela não tendo em conta seu próprio desenvolvimento nas suas coisas, somado ao desejo de ter um filho dela, prometendo ser um "bom pai" e se fazer de desentendido na hora de cuidar da criança, manipulando-a para que seja o "complemento" do homem ou o "repouso do guerreiro", etc.

>> Delegação do trabalho de cuidado dos vínculos e as pessoas. Manobras baseadas na crença que o doméstico e o cultivo da conexão é patrimônio da mulher. Aqui se impõe de diversos modos que a mulher acredita que é a encarregada de cuidar da vitalidade do casal, o desenvolvimento das crianças e dos vínculos com elas/eles, com a família dele e inclusive com seus amigos. A imposição do cuidado dos sogros e sogras da mulher é um mM muito frequente e uma das fontes mais comuns de degaste emocional feminino no âmbito mediterrâneo e latino nos setores populares. Limitam a autonomia da mulher e o homem não se faz cargo desse enorme trabalho que não pode deixar de fazer: sem o cuidado das pessoas e dos vínculos; o deteriorar pessoal e relacional é a regra.

>> Requerimentos abusivos sobrepostos: são pedidos sem pedir explicitamente, "mudos", que apelam a ativar

automaticamente os aspectos “cuidadores” do papel feminino tradicional e fazer que a mulher cumpra esse pedido sem se tocar do que está fazendo por estar sendo coagida. Exemplos comuns desses requerimentos são os comportamentos de “menino tirano” que os homens se utilizam quando estão doentes: a exigência não verbal de se ocupar da família dele, de seus amigos, e os animais que usualmente ele promove que os filhos tenham em casa, ou as “ânsias” masculinas (exigência com as comidas, horários e silêncios). Também corresponde a esse grupo o vitimismo por ele ser o “provedor”, para ele não se pede nada, pois seu papel o subjuga e “já faz o bastante”.

Um mM muito frequente nos casais onde o homem tem filhos/as de uma primeira relação, e é que ele requer silenciosa e abusivamente que ela se faça cargo da criança e atenção dos ditos filhos e filhas.

CRIAÇÃO DE FALTA DE INTIMIDADE

Cabe dizer que os homens tem dificuldades para a intimidade. Isso é fato, mas também é fato que o ato de evitar a intimidade é um recurso de dominação que eles utilizam cotidianamente. Assim o mostram os mM desse grupo, que são manobras ativas de afastamento, que impedem a conexão e evitam o risco de perder poder e ficar a mercê da mulher, mais esperta habitualmente no manejo das relações de mais contato (Weingarten, 1991). Tentam controlar as regras do diálogo através da distancia e estão sustentadas na crença dos homens de seu direito a se retirar sem negociar e se dispor de si mesmo sem limitações (sem permitir esse direito à mulher). Com elas o homem logra que a mulher se acomode com seus desejos: quanta intimidade ter, quanta tarefa doméstica realizar, quando estar disponível e o que merece ser compartilhado. Assim predomina o desejo masculino de se ocupar sobre tudo de si mesmo, e ficam em segundo planos os desejos femininos da relação. Essas manobras transmitem a mensagem que para o homem o mais importante é ele, o vínculo e a relação são secundários.

Aqui podemos considerar diferentes grupos:

>> Silêncio. A relutância a falar ou falar de si é uma atitude habitual nos homens desde os tempos imemoriais

e que recentemente se volta a problemática a ser questionada: a autoridade masculina e as mulheres exigirem conexão... Independentemente das razões internas que levam ao homem a estar silencioso (de fato muitas vezes o silêncio é devido a uma sensação de impotência), essa atitude é uma manobra de dominação e implica a imposição do silêncio e a relação com a mulher. Permanecer em silêncio não é só não poder falar, mas sim não sentir obrigado a falar nem a dar explicações (recurso que só pode ter quem tem poder) e portanto impor a falta de diálogo e mascaramento. Assim se controla as regras do jogo de modo oposto da sinceridade, abertura, confiança e desmascaramento e se resulta na autoridade silenciosa. E mais, se monopoliza um recurso que se nega aos demais: informação sobre si mesmo (pensamentos, emoções) não aceitando que a mulher faça o mesmo e a força a ter que adivinhar o que está acontecendo e ficar no seu entorno, atenta, captando quando está ou não acessível. A insistência que a mulher apresenta muitas vezes é vivida pelo homem como uma perseguição que ele nega ter originado. Por tudo isso o silêncio é um mM. Algumas de suas formas de apresentação são: se fechar em si, não responder, responde com monossílabas, não pergunta, não escutar, falar por falar sem se comprometer, etc. (Durrant y White 1990; Wieck 1987; Sabo 1995). Algumas vezes, essa manobra acaba por dar ao homem certo ar de mistério, que é muito sedutor para muitas mulheres. É frequente que esse mM se acompanhe da frase "não sei me expressar" (ainda que a realidade mostre que não tem desejo de realmente aprender a fazer isso). Essa frase, tão comum a muitos homens como justificativa da falta de diálogo é um bom exemplo da manobra de encobrimento que o silêncio supõe: o oculto é o desejo de evitar dizer coisas que se pensam (por exemplo: para que mudar se estou bem), o ter que reconhecer que não se tem argumentos para se opor a mudanças solicitadas, que o ponto de vista dela pode ser válido, ou não sabe como fazer para ganhar a partida.

>> Isolamento e imposição de limites. Essas são manobras de imposição de distancia e imposição da "não proximidade" que utilizam quando a mulher quer intimidade, respostas ou conexão, e quando não se inibe com o silêncio.

>> Como o silêncio, esses mM impõem as regras de vínculos. Esse isolamento pode ser físico, se

encerrando em seus pensamentos. Se este falha, o impor limites as vezes com raiva diante qualquer pedido de informação ou de conexão pode ser útil. Se isso também falha, a lista de frases defensivas acompanhadas de ira explosiva, tem um eficaz efeito paralisante na "invasão" feminina. As frases geralmente estão centradas no comentários de se sentir invadido e abusado, desfocando permite evitar o posicionamento sobre se é valido ou não o reclamo de intimidade. Algumas dessas frases são "Me deixa em paz, to ocupado!", "Não venha com problemas", "Não me pressiona", "Tu nunca está satisfeita", "Não precisa me organizar!", "Faço do meu jeito!" "Estou todo o dia trabalhando e quero paz agora", "Muitas dessas expressões acabam sendo finalizadas com um "Chega, estou cheio disso!" E na sequência isolamento, frases com mais raiva, mais isolamento, é bastante frequente...

>> Avareza de falta de reconhecimento e disponibilidade no que diz respeito a dignidade da mulher. Ele nega a humanidade da mulher, lhe tirando reconhecimento pelas coisas que faz. Não a reconhece como pessoa, lhe negando apoio e cuidado (além de a colocar no papel de cuidadora). Conduzem a fome de afeto, (o que em mulheres dependentes, aumenta ainda mais a dependência). Provocam a sobrevalorização do pouco que ele brinda a mulher - já que o escasso acaba sendo valioso- (Benard y Shiaffer, 1990). Uma frase exemplificando este mM é: "Se sabes que te amo (e preciso que faça isso), pra que precisa que eu te diga?"

>> Inclusão invasiva de terceiros (amigos reuniões e atividades). Com esta manobra se limita ao mínimo ou se faz deixar de existir os espaços de intimidade. As vezes está acompanhada da acusação da mulher de ser "pouco" sociável).

PSEUDOINTIMIDADE

Nesse grupo de mM o homem dialoga, mas sempre manipulando o diálogo, de modo a favorecer o controle e o ocultamento, deixando a mulher com menor poder no momento e que ele pode decidir se demonstra há ou não sinceridade e intimidade.

>> Comunicação defensiva-ofensiva. O objetivo da comunicação não é abertura e sim que se fala para impor

e convencer. Existem defesas e ataques para impor as próprias razões, não abertura nem negociação.

>> Enganos e mentiras. Aqui o homem oculta ou omite informação para desfigurar a realidade e seguir aproveitando de vantagens que se ele fosse sincero as perderia. Oculta o que não convém que a mulher saiba, para não ser prejudicado naquilo que não quer perder, fundamentalmente poder de decisão. Entre os enganos mais frequentes encontramos: não cumprir promessas, bajular, negar o óbvio, negar descobrimentos femininos de infidelidade, etc. E entre as mentiras: aquelas centradas no uso de dinheiro, o tempo realmente ocupado, o não reconhecer erros sabendo que foi ele quem fez, o oferecer aquilo que não se está disposto a dar (sobretudo compreensão e colaboração).

Dão poder ao homem e impedem um acesso igualitário a informação.

DESAUTORIZAÇÃO

Estas manobras estão baseadas na crença que o homem tem o monopólio da razão, o correto e o direito a julgar as atitudes alheias desde um lugar superior. Pressupõem o direito de menosprezar. Conduzem a inferiorizar a mulher através de inúmeras desvalorizações, que em geral são consoantes com as desvalorizações que a cultura patriarcal realiza, e que fazem danos na autoestima feminina. Um gesto depreciativo muito utilizado para acompanhar esse tipo de mM é “a cara de coitado”, que dificilmente é aceita como própria pelo homem. Entre as desautorizações temos diferentes subgrupos:

>> Desqualificações. Supõem o direito a valorizar negativamente as atitudes da mulher, humilhando-a e dando o direito a ser valorizada e apreciada a menos que obedeça as “razões” do homem e faça o que segundo ele é “correto”. Para ele servem todo o tipo de expressões e etiquetas desqualificativas. Alguns exemplos desses mM são: a ridicularização, não dar importância e tirar a seriedade das opiniões femininas, redefinir como negativas as mudanças positivas ou qualidades da mulher e desvalorizar qualquer transgressão ao papel feminino tradicional. Muitas vezes, a desqualificação aponta, diretamente à inteligência: “Tu não tem noção!” “Você não sabe!” “Não é isso” Ou a capacidade de percepção: “Tu tá exagerando!” Ou ainda “Tu tá louca”.

>> Negação do positivo. Não se reconhece na mulher suas qualidades nem os aportes positivos que doa o relacionamento e a vida cotidiana, especialmente o valor do trabalho doméstico.

>> Conspiração com terceiros. Aqui, o macho tenta estabelecer alianças com as pessoas com que a mulher tem vínculos afetivos (parentes, amizades) através do relato de histórias tendenciosas, segredos, etc., com o objetivo de desautorizar e deixar a mulher sozinha à mercê do homem. (Bograd, 1991)

>> Terrorismo misógino. Se trata aqui de comentários desqualificantes repentinos, de surpresa, tipo “bomba”, realizados geralmente no âmbito público, que deixam a mulher indefesa pelo seu caráter abrupto. Produzem confusão, desorientação e paralisia. Utilizam da ridicularização, a suspeita, a agressão e a culpabilidade.

Assim temos por exemplo: realizar em contextos não pertinentes comentários recordando das “tarefas femininas” não realizadas, repentinos comentários desqualificadores do êxito feminino, ou ressaltar as qualidades de mulher-objeto quando ela se mostra como mulher-pessoa. (Coria, 1992).

>> Auto elogios e auto aprovação. Nesta manobra se retira autorização da mulher através da hipervalorização que é feita pelo homem de suas próprias qualidades ou aportes. Se brinda com espaços, objetos ou tempos que se nega a mulher de ter. Pertencem a esse grupo a atitude de não de deixar ensinar pela mulher (se vê nas tarefas domésticas). Pois segundo eles dizem: “Eu já sei!” ou “Tu não sabe ensinar!”. A exclusão da mulher em alguma atividade, dizendo a ela: “Deixa, eu faço melhor!”. Em situações que predomina a lógica de universo masculino do que vê a sociedade: “Tu não cuida/é muito complicado pra ti!” Ou no carro: “deixe que eu dirijo.” etc.

PATERNALISMO

Nesse tipo de manobra se mascara a possessividade e as vezes autoritarismo do homem, fazendo “por” e não “com” a mulher e tentando a carregar nos braços. Se detecta sobre tudo quando ela se opõe a isso e ele não pode tolerar que ela seja autônoma e ele não a controle.

MANIPULAÇÃO EMOCIONAL

Temos aqui um grupo de mM onde o homem utiliza o afeto não para o intercâmbio emocional e sim como instrumento para conseguir o controle da relação. Se transmitem mensagens que aproveitam da confiança e a afetividade da mulher para promover nela dúvidas sobre si mesma e sentimentos negativos, gerando insegurança e dependência. Se usam para isso palavras de duplo sentido, insinuações, acusações veladas, etc. Dentro de sua variedade podemos destacar:

>> Culpabilização-inocentização. Esse mM tem duas caras. Por uma faz sentir que a mulher está em falta nas maneiras mais variadas, geralmente apelando a “não saber fazer”, ou a não desempenhar “corretamente” seu papel de esposa ou mãe. Baseada na crença que o que a mulher “deve fazer” está definido pelo homem e que ela é culpada (desde Eva) por natureza. Na outra face dessa manobra, o homem nunca se sente responsável por qualquer coisa, isto é, ele é inocente em relação à produção de disfunções na vida cotidiana. Dentro de seus infinitos exemplos podemos nomear: culpar a mulher de qualquer disfunção familiar (seguido da absolvição do homem), a culpar do prazer que a mulher sente com outras pessoas ou situações onde ele não está (acreditando que a mulher só pode desfrutar com seu companheiro afetivo) a culpar de todo que acontece com ele, inclusive a culpabilizar da irritação que ela sente quando ele se abusa, etc.

>> Mensagens afetivas de duplo sentido: Nesse tipo de manobra o homem manda mensagens de afeto com um fim manipulativo oculto e que deixam a mulher sem possibilidade de reação: se os aceita, é manipulada, se não os aceita é culpabilizada por não ser afetiva. Temos aqui a sedução manipulativa (proximidade interessada para conseguir outros fins diferentes: o afeto) e a escolha forçada (manobra do tipo de “Se não faz isso pra mim é porque não me ama!”).

>> Ficar amuado, se aborrecer e se calar e após contradição: Acusação culposa não verbal diante a ações que ele não gosta, mas que não pode se opor com argumentos “racionais”. Exemplo típico dessa manobra é a frase “Não me importo que saia sozinha”, dizendo com cara de brabo, quando a mulher decide realizar uma atividade pessoal sem ele, e que a faz se sentir largada e culpável.

COMODISMO E AUTOJUSTIFICAÇÃO

Nessas manobras o homem se auto-justifica ou é muito acomodado consigo mesmo diante a não realização de tarefas ou atividades que fazem o cultivo de um vínculo igualitário. Procuram bloquear a resposta da mulher diante a feitos e não-feitos do homem que desfavorece a mulher, e quando ele faz, obriga a que ela faça também (fundamentalmente o cuidado com as pessoas e no doméstico). Apela a "outras razões", e iludindo a responsabilidade pelo que se faz ou o que se deixa de fazer. Iludem ao deixar claro que em geral o homem pensa: "essas são minhas responsabilidades, o que eu faço já é o bastante".

Entre elas podemos nomear:

>> Se fazer de tonto. Nesse mM o homem ilude responsabilizar-se por suas atitudes injustas, seu desinteresse na mudança ou o não ter em conta a mulher, apelando a diversas razões que, segundo ele, não são modificáveis: a inconsciência. ("Não me dei conta"), as dificuldades dos homens ('Quero mudar, mas me custa, os homens são assim...') As obrigações de trabalho ("Não tenho tempo para ficar com as crianças"), a falta de jeito, falta da vontade ou outros defeitos pessoais ('Não pude me controlar", "é impossível pra mim", ou o próprio bem estar ("Pra que quer que mude se assim me sinto bem?").

>> Inexperiência e esquecimentos seletivos. Essa manobra consiste em evitar responsabilidades (e colocá-las na mulher) partindo do ponto que se declara burro para determinada tarefas (limpar a cozinha por exemplo) ou manejar objetos (lava-roupas, lava-louças), ocultando sua nula predisposição para a aprendizagem: como é possível que os homens mexem com tanta facilidade um aparato tão complexo quanto um computador e não saber usar uma lava=roupas? Nesse grupo se incluem também os esquecimentos seletivos, aqueles que não parte geralmente regista e recorda tudo o que lhe interessa), e sim a falta parcial de memória sobre atividades em que realidade sente que não o correspondem e que aceita uma imposição. Exemplos desses esquecimentos é não lembrar o dia do medico para as crianças , não comprar alimentos, nem comprar presentes.

>> Comparações vantajosas. Com essa manobra o homem tenta calar os reclamos da mulher apelando que existe muitos homens piores que ele, e que portanto não deveria se queixar

>> Pseudoimplicância doméstica. Nesse mM é frequente entre os homens progressistas, que demonstra que não existe um desejo de real corresponsabilidade no doméstico. Nele o homem atua só como “ajudante” da mulher, sobrecarregando-a e assumindo as tarefas menos pesadas.

>> Subestimação dos próprios erros. Os próprios erros, descuidos, desinteresses e equívocos no que faz no trabalho doméstico e de conexão são poucos tidos em conta e facilmente desculpados. Nele inversamente, está pouco disposto a aceitar os erros da mulher, a taxando frequentemente de inadequada ou exagerada em suas preocupações pelas coisas e pelas pessoas.

MICROMACHISMOS DE CRISE

Estes mM são utilizados em momentos de desequilíbrio no estável desnível de poder das relações, tais como o aumento do poder pessoal da mulher por mudanças na sua vida ou perda do poder do homem por razões de perda no trabalho ou limitação física. Geralmente essas mudanças se acompanham de reclamações por parte da mulher de maior igualdade na relação. Acabam sendo uteis não só para impedir que a mulher seja a mais autônoma ou para não se sentir dependente dela, mas sim também para impedir as reclamações dela a respeito da necessidade de que ele também mude seus hábitos de superioridade. O homem, ao se sentir prejudicado, pode utilizar especificamente estas manobras ou utilizar as descritas anteriormente, aumentando sua quantidade ou sua intensidade com o fim de estabelecer o status quo*.

Os grupos que irei descrever acabam sendo utilizados frequentemente em uma sequência, da primeira até a última, segundo a permeabilidade da mulher para deixar ser pressionada. Pertencem a essa categoria:

HIPERCONTROLE

Esse mM consiste em aumentar o controle sobre as atividades, tempos ou espaços da mulher, diante o medo que o aumento real ou relativo de poder dela possa deixar ele num segundo plano inferiorizado.

PSEUDOAPOIO

Apoios que são ditos sem serem acompanhados de ações cooperativas, realizados com mulheres que acreditam seu ingresso ao espaço público. Se evita com ele a oposição frontal, e não se ajuda a mulher a repartir sua carga doméstica e ter mais tempo.

*Status quo: no estado em que as coisas estavam antes em essência, "no mesmo estado que antes".

conduta a emboscada (não toma a iniciativa, espera e logo critica. "Eu teria feito melhor"), distanciamento, ameaças de abandono ou abandono real (se refugiando no trabalho ou em outra mulher "mais compreensiva"), etc.

RESISTÊNCIA PASSIVA E DISTANCIAMENTO

Este mM consiste em utilizar diversas formas de oposição passiva e abandono: falta de apoio ou colaboração, desconexão

RECUSAR A CRÍTICA E A NEGOCIAÇÃO

Com esse mM se tenta silenciar as reclamações da mulher a respeito das atitudes dominantes do homem e evitar a mudança sustentando que ele não a desejou. Se acompanham geralmente de culpabilização da mudança de hábito feminina. Algumas frases que refletem essa manobras são: “Porque eu deveria mudar se você muda?”, “É você o problema!”, “De que está reclamando se me conheceu assim?”, “Se você não tivesse mudado tudo estaria bem!”.

PROMESSAS E FAZER MÉRITOS

Manobras nas quais diante as reclamações da mulher o homem realiza modificações pontuais que implicam ceder posições provisoriamente por conveniência, sem se questionar a crença errônea da “naturalidade” da tendência de dita posição. Essas são mudanças que acabam por deixar de se realizar quando a mulher deixa de se irritar e aceita dar “outra oportunidade”. Alguns exemplos: fazer presentes, prometer ser um bom homem, começar a ser sedutor e atencioso, fazer mudanças superficiais, reconhecer erros diante as ameaças de abandono.

VITIMISMO

Por esse mM o homem se declara vítima inocente das mudanças e “loucuras” da mulher, acompanhada de culpabilização para tentar deslegitimar. Se finalmente ele decide mudar, vive a mudança como um grande sacrifício, pois não se pode pedir muito, espera ser aplaudido por pequenos atos e mudanças, se frustrando se não o reconhecem. “Nada que faço te conforma!” é uma frase manipulativa habitual utilizada nessa situação.

DAR TEMPO

Este mM consiste em postergar e alargar o tempo de decidir a dar importância às mudanças e reclamações femininas ou a mudar realmente, até que haja algo que obrigue (em geral um ultimato de separação). Se manipula o tempo de resposta do pedido de mudança tentando delatar a situação de injustiça relacional. É uma clara manobra de poder que tanto obriga a mulher a se submeter aos tempos e desejos do homem, que é também quem conserva o poder de decisão do momento de começar uma mudança. Os modos de delatar o diálogo e a decisão de mudança podem ser variados: “Já conversaremos sobre isso...”, “Vamos ver, vou pensar!”. Outro modo frequente é através da negação ao pensar numa ajuda terapêutica, e se cede, atrasa frequentemente a consulta antes de se decidir realmente a fazer.

DAR LÁSTIMA

Quando o homem realiza esse mM procura que sintam pena dele para conseguir que a mulher ceda. Para isso, pode, desde buscar aliados que comprovem o quão “bom” que ele é (e quão má ela é), até comportamentos autodestrutivos tais como acidentes, aumento de vícios, doenças, ameaças de suicídio, que apelam a predisposição feminina ao cuidado e induzem a pensar que sem ela ele poderia terminar muito mal. Ele exhibe nesses últimos comportamentos manipulativos, sua invalidez para o autocuidado.

EFEITOS DOS MICROMACHISMOS

W. Shakespeare ilustra, esplendidamente, as estratégias de utilização de muitas dessas manobras em função de dominar a mulher, restringindo com artes habilidosas a sua autonomia, em sua obra "A megera domada". Sua leitura mostra com grande nitidez o efeito devastador dessas estratégias de domínio.

A efetividade de todas essas manobras, junto a falta de autoafirmação da mulher, formam uma explosiva mescla com enormes efeitos negativos para ela e o relacionamento que, como dizíamos no começo desse artigo, acabam se fazendo visíveis a longo prazo. Habitualmente não se reconhece a casualidade interpessoal desses efeitos, que são atribuídos culposamente à mulher. Nos homens não só produzem efeitos "positivos" (para ele) mas também efeitos negativos que não se pode ter descuido.

Nas mulheres os mM podem provocar:

>> Um esgotamento de suas reservas emocionais e da energia para si, com uma atitude defensiva ou de queixa não eficaz pelo sentimento de derrota e impotência que produzem.

>> O deteriorar muitas vezes enorme da sua autoestima, com aumento da desmoralização, aumento da insegurança e diminuição da capacidade de pensar (os estudos epidemiológicos mostram que as mulheres em casais diminuem sua saúde mental e qualidade de vida, ao contrario dos homens, que segue sempre estável),

>> Uma diminuição de seu poder pessoal e parada do desenvolvimento pessoal.

>> Um mal-estar físico difuso, irritabilidade crônica e um desgaste na relação, os quais se culpam por não perceber que sua produção é por pressão externa, e que são frequentes motivos de consulta aos dispositivos de saúde mental. Nesses dispositivos, frequentemente é igual que o homem na relação, acabam se atribuindo ditos de mal estar e o exagero de certas "características femininas" (dramatismo, inconformismo, etc.)

Nos homens os efeitos da execução dos mM se mostram como:

>> Um aumento ou conservação de sua posição superior de domínio, com desinteresse crescente das necessidades e direitos da mulher.

>> Afirmação de sua identidade masculina, sustentada na crença de superioridade sobre a mulher e a autonomia autoafirmativa com negação de proximidade.

>> Um isolamento ciumento crescente, já que o domínio não assegura o afeto feminino, só obediência, e só pode gerar aumento de controle ou aumento de desconfiança e incompreensão para com a mulher a quem não se pode controlar plenamente nunca.

Finalmente, os mM produzem no relacionamento:

>> Encaminha a relação em direção aos interesses só do homem, favorecido pelo mandato cultural para com as mulheres de que aceitem o homem tal como é, e que em suma as tratem com suas armas "ocultas". Sutilmente se vão criando as condições para forçar a disponibilidade da mulher perante o homem e não o inverso. Os mM levam ao "deixar estar" feminino que permite que predominem os tipos de situações em que se faça o que o homem deseja, e já que isso (o "deixar estar") levam a que dependa do homem para quanto e quando se pode fazer algo ou não. Tudo isso leva até a perpetuação do desequilíbrio de poder e das disfunções na relação (muitas mulheres dizem: "Como não vou ceder? Eu Não posso estar brigando o tempo todo!").

>> Rotulamento da mulher como "a culpada" da deterioração do relações, quando ela deseja uma mudança e ele se nega a se encaminhar para a igualdade. As vezes a mulher percebe que algo anda mal com a relação e ele nega. Ao não poder esclarecer a causa (causa que frequentemente é o deterioramento da relação produzida por falta de igualdade relacional a que os mM contribuem), ela, mandada pelo gênero tende a se auto culpabilizar e ele, que não se reconhece como dominante, sai como inocente.

>> Guerra fria, transformação do casal em adversários conviventes, e empobrecimento da relação, se criando um terreno favorável para outras violências e abusos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez essa longa enumeração de manobras e seus efeitos tenha sido cansativa e tenha provocado alívios e repúdios. Como em todo tema que se desenvolve, acabe sendo mais frequente que sintam alívio aquelas a quem a invisibilidade as desfavorecia, e rechaço aos que se sentiam favorecidos por dita invisibilidade. Entretanto, para todas as pessoas, tolerar a visibilidade da microviolência cotidiana não é tarefa fácil. Muitas mulheres se alegrarão de entender melhor as manobras que se veem envolvidas, mas suportarão menos o reconhecimento de sua própria subordinação (Dio Beichmar, 1992) pelo que muitas vezes teriam que seguir se responsabilizando do que é só de responsabilidade masculina, já que ao menos isso mantêm a crença de ter algum poder sobre a relação (Britana, 1989). Poucos homens se reconhecerão nesse listado de apontamentos e estarão dispostos a aceitar, apesar de suas mudanças, pois eles ainda permanecem dentro do primitivismo da dominância masculina. Mas a transformação está nesses dolorosos reconhecimentos e aceitações.

Logo após ler essas linhas provavelmente o/a leitor/a não tenham descoberto nada muito desconhecido. E certeza que já foi visto, sentido. É um repertório de comportamentos que representam os truques e manhas mais recorrentes nos homens modernos para exercitar no cotidiano a violência de gênero. Essa é a importância de colocar em evidência essas questões que acabam sendo "invisíveis", passam despercebidos ou são tomados como naturais, se ignorando os danos que pode causar.

Nomear é um dos modos de fazer visível o que é imperceptível, nesse caso o que incomoda as mulheres mas não se detecta claramente. Espero que as descrições anteriores tenham quebrado seu caráter de "invisíveis". Mas nomear, descrever e classificar é importante porque é o primeiro passo para algo que possa ser transformado. Dar nome aos mM e ver seus efeitos é também não normalizá-los, já que muitas vezes quando se percebem isoladamente, se julgam como intranscendentes sem avaliar o dano que produzem com frequência e sua capacidade de ser centro de cultivo para outras violências. E não normalizá-los (os colocar em evidência) consiste em considerar que o seu

acionar não é trivial e que devem ser incluídos claramente no listado de estratégias e práticas da violência de gênero exercidas pelos homens, que precisam ser erradicadas. Nomear os mM é também uma tarefa que supõe a análise crítica do cotidiano.

Assim, colocá-los em foco para que as mulheres pudessem:

>> Legitimar e ampliar seu registro perceptivo dos comportamentos masculinos de dominação que elas sofrem e que os homens geralmente não reconhecem nem realizam.

>> Reconhecer a linguagem de ação e manipulação - aquilo que se mostra sem palavras - é tão previsível eles acreditarem que a manipulação é uma arma fundamentalmente feminina.

>> Aumentar as possibilidades de criar seus modos de evitar e de resistência já que aquilo que se vê claramente pode ser melhor combatido.

>> Também é de modo importante, saber de seus efeitos, porque o não poder detectar que muitos dos mal-estares emocionais e inseguranças são provocadas pelo exercício dos mM, que faz que as mulheres (e seus companheiros e profissionais da saúde) tendem relacionar que são problemas intrapessoais ou "exageros" femininos. Assim surge a dupla vitimização.

Alertar sobre sua existência e sua frequência supõe também criticar as crenças que as violências de gênero são as formas mais dramáticas e que só exercem alguns homens. Como vimos, os mM também são violência de gênero e são comportamentos habituais em todos os homens: a violência não é só coisa de outros, e também coisa de nós mesmos (homens). Te conhecer isso supõe que os homens que acreditam na igualdade, devem fazer algo mais que acompanhar as mulheres nos seus reclamos e adaptamos com esforço as mudanças femininas: devemos mudar nós, por dentro. Por isso, nomear os mM deveria contribuir para que os homens não se reconhecem no exercício da violência maior, que tem uma ética de justiça e respeito, não ignorem as próprias manobras de domínio e dominação cotidianas. Para isso é necessário.

>> Estar disposto a uma autocritica sobre o exercício cotidiano do poder e sobre a socialização em que são criados, a que aprova a superioridade sobre as mulheres e por isso tem a crença de ter direito sobre elas.

>> Treinar a mudança de atitudes igualitárias e mostrar respeitos, já que só conhecendo os mM não é suficiente

para alcançar a mudanças. Os grupos de reflexão de homens são um bom espaço para isso.

>> Tomar iniciativas para realizar ações. Homens, que são a favor da erradicação das violências de gênero a não deixar que sejam unicamente as mulheres que lutem contra a violência que nós produzimos. Iniciativas como a campanha canadense do laço branco, o manifesto do grupo de homens em Sevilla, a rede de homens pró-feministas europeus, os trabalhos de Jorge Corsi, ou os grupos de Coriac y Cantera em Latinoamérica.

Finalmente fazer visíveis os mM deve servir para não esquecer que são fatores que devem se ter em conta nas estratégias de erradicação da violência de gênero. Para isso não é necessário um âmbito particular, já que são comportamentos habituais do cotidiano, podem ser realizadas ações contra eles em todos os âmbitos (saúde e educação principalmente).

Para concluir: seria um erro deduzir que descrevemos um juizado desqualificador e uma atribuição de "maldade" ligada aos homens. O que sim mostram essas linhas com clareza é uma crítica a um modelo masculino tradicional que se baseia em crer que o homem é superior, que machucam mulheres e que tampouco é algo de bom proveito para os homens, pois ficam pda defender a posição de certos, mas cada vez mais presos no passado. Desse modelo derivam as violências de gênero entre as que estão nos mM. Estas violências os homens são responsáveis, as mulheres não são responsáveis e por isso só corresponde a eles tentar modificar a si mesmos se desejam relações igualitárias e cooperativas com as mulheres. Elas só poderão pressionar, mas não mudar neles o que eles não queiram.

Madrid, junho de 1998.

ANEXO PARA PSICOTERAPEUTAS

Estou cada vez mais convencido de que a abordagem da violência masculina não pode se centrar só nas suas formas extremas, e sim que deve incluir os mM que, como tento mostrar, são formas de violência e abuso cotidianos. Eles geram alto sofrimento, relações defensivo-agressivas e desbalance de poder, que se opõem a plena potenciação das pessoas. A diferença das grandes situações de violência requerem um contexto terapêutico mais ou menos especial, em todo espaço psicoterápico podem se detectar e pensar em caminhos para revelar, desativar e transformar os mM.

Sobre as estratégias de detecção, estas deferiram em função do contexto terapêutico: Nas terapias de casais ou em família, os mM e seus efeitos podem ser descobertos diante do terapeuta. Em terapias com homens, há que ter interferência, já que a mulher que é sujeita dessas manobras está ausente, e o homem acaba não se responsabilizando sobre os efeitos de suas condutas. Nas terapias com mulheres será preciso descobrir qual de seus mal estares são efeitos dos mM exercidos sobre elas, ou então distinguir a problemática intrassubjetiva do que é induzido pela manipulação alheia.

Sobre as estratégias de desativação e transformação, não é o propósito desse anexo desenvolvê-las, mas acredito ser necessário enumerar alguns requisitos que o/a terapeuta deve cumprir ao enfrentar a tarefa de transformação dessas práticas.

NO PESSOAL:

>> Tentar relevar os pontos cegos e revisar seus prejuízos sexistas na relação com sua própria posição de gênero, os aspectos assimétricos da relação com o outro gênero e suas crenças sobre a responsabilidade do trabalho doméstico.

>> Revisar suas ideias e comportamentos na relação coma reciprocidade no cuidado entre as pessoas, a justiça e a democracia nos relacionamentos

>> Aclarar as próprias crenças sobre a determinação dos comportamentos de dominação e suas eventuais justificações e a própria reação frente a eles (temor, paralisia ou enfrentamento)

NO TEÓRICO-TÉCNICO:

>> Incluir a ética do cuidado mútuo e a democratização da vida cotidiana como marco referencial, para ajudar os homens a se fazerem responsáveis dos efeitos de sua própria conduta. (Sheinberg 1992)

>> Conhecer os modos de construção da condição masculina, seus privilégios e seus custos, a fim de ajudar o casal e o próprio homem a desconstruir os aspectos dominantes do papel masculino tradicional.

>> Ter uma atitude clínica de alerta para detectar as manobras de controle dos homens (que facilmente podem ficar invisibilizadas). Para isso a classificação antes proposta pode ser bem útil.

>> Saber que é provável que o homem queira exercer manobras de controle sobre o terapeuta, e se for mulher mais ainda. O terapeuta homem deve prestar especial atenção as tentativas do homem de lograr sua aliança para desautorizar a mulher. (Bograd, 1991).

>> Ter a capacidade de confrontar, de suportar confrontações e de por em prática a autoafirmação de modo assertivo

>> Estar capacitado/a para realizar intervenções que façam impacto sobre o balance de poder interpessoal. A fim de não estereotipar os desbalances que sustentam a não função do status quo. (Algumas dessas intervenções são reorganização de responsabilidades, rebalancear as intervenções são: reorganização de responsabilidades, rebalance de acordos, como desvendar as manobras de controle, redefinição das "provocações" femininas, colocadas a prova dos limites nos abusos que acontecem. Dar apoio ao aumento de poder pessoal da mulher no relacionamento, etc.)

Nesse artigo uso frequentemente as aspas em determinadas palavras indicando uma leitura crítica, não naturalista de seu significado. Esse artigo é uma versão ampliada dos artigos das atas publicadas nas Jornadas da Federação de sociedades espanholas de terapias familiares (1993) e da direção da mulher de Valencia/Espanha (1996) sobre a violência de gênero, e em Corsi, J. (1995): a violência masculina no casal. Madrid: Paidós.

BIBLIOGRAFIA

- Benard, Ch. y Schiafferj. (1993): Dejad a los hombres en paz, Barcelona: Paidos.
- Benjamin, J. (1988): The Bonds of love. NY: Panteon.
- Bograd, M. (1991): Feminist aproaches for men in family therapy, NY: Harrington Park Pre
- Bonino, L. (1991): "Varones y abuso domestico", en P. Sanroman (coord.) Salud mental y ley, Madrid, AEN
- Bonino, L. (1995): Los micromachismos en la vida conyugal. En Corsi, J.: Violencia masculina en la pareja. Buenos Aires: Paidós.
- Bonino, L. (1998): Desconstruyendo la "normalidad" masculina. Actualidad Psicológica, 254, 25-27.
- Brittan, A. (1989): Masculinity and power; Oxford, Uk: Blackwell.
- Brod, H and Kaufman, M. (1994): Theorizing masculinities. London: Sage.
- Burin, M. (1987): Estudios sobre la subjetividad femenina, Buenos Aires: GEL
- Coria, C. (1992): Los laberintos del exito, Buenos Aires: Paidós.
- Dell, P. (1989): "Violence and the sistemic view: The problem of power", Family Process 28:1-14.
- Dio Bleichmar, E. (1998): Sexualidad Femenina. Madrid: Paidós.
- Durrant, M. y White, Ch. (1990): Terapia del abuso sexual, Barcelona, Gedisa, 1993.
- Erickson, B. (1993). Helping men, Londres: Sage.
- Fernández, A.M. y Giberti, E. (comps.) (1989): La violencia invisible, Buenos Aires: Sudamericana.
- Flaskas, M. y Humphreys, C.: "Theorizing about power: intersecting the ideas ot Foucault with the 'problem' of power in family therapy", Family Process 32:35-47, 1993.
- Goodrich, T. y otras (1989): Terapia familiar feminista. Buenos Aires. Paidós.
- Guillaumin, C. (1992): Sexe. Race et pratique du pouvoir, Paris, Cotef.
- Jenkins, A. (1990): Invitations to responsiblity: the Therapeutic

engagement of men who are violent and abusive,
Adelaida: Dulwich Centre Publ.

- Jonnasdotir, A. (1993): El poder del amor, Madrid: Catedra
- Meth, R. y Pasick, R. (1990): Men in therapy, Nueva York, Guilford, 1990.
- Miller, A. (1996): Terrorismo íntimo. Barcelona: Destino, 1996.
- Novelli, A. (1994): "Mujeres y negociacion", III Seminario Internacional «Mujer y poder», Madrid: UAM.
- Piaget, J. (1993): Personas dominantes, Buenos Aires: Vergara.



PELA EXPANSÃO DA REVOLTA ANTIPATRIARCAL

ANONIMXS . NOBLOGS . ORG
ANONIMXS@RISEUP . NET



Edições Anônimas

**NO DESTRUYAS
TUS SUEÑOS**



**DESTRUYE
TUS LÍMITES**